

# A Ciência e Suas Fronteiras

**Luiz Carlos Bresser-Pereira**

Intervenção no painel com esse título da série de debates "De Kant a Machado de Assis: Reflexões sobre a Modernidade no Brasil" realizada pelo Instituto de Estudos Avançados e da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência da USP, 2020.

EUGÊNIO BUCCI

E neste dia em que estamos falando sobre construir pontes e destruir muralhas, temos aqui um pensador que simboliza a ponte, porque ele simboliza a capacidade de ouvir e a capacidade de transitar pelos diversos argumentos com grandeza e independência: Luiz Carlos Bresser-Pereira, que é professor da FGV desde 1959, presidente e editor da *Revista de Economia Política* desde 1981, membro do Conselho da Cinemateca Brasileira, do Conselho de Administração da Restoque e do Conselho Consultivo do Grupo Pão de Açúcar. Tem experiência de ensino e pesquisa e trabalhos publicados nas áreas de economia, sociologia, ciência política e administração pública. Seus temas são: desenvolvimento, macroeconomia do desenvolvimento, desenvolvimento e distribuição, inflação inercial, Estado e sociedade, democracia, nação e nacionalismo, sociedade civil, classes sociais, empresários, burocracia, tecnoburocracia, reforma gerencial e cinema. Eu poderia seguir com esse currículo, mas acho que é suficiente. Ministro.

LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA

Obrigado, Eugênio Bucci, pela apresentação, e obrigado a todos por estar aqui e poder ouvir Sérgio Paulo Rouanet e os excelentes comentários. Bom, Rouanet, você organizou o seu texto falando (i) da fronteira entre as ciências; (ii) da relação das ciências com a moral e com os valores; e (iii), finalmente, do problema da ciência e do nacional. Vou dividir os meus comentários entre essas três possibilidades por você apresentadas.

Vou começar pela fronteira entre as ciências, que acho que é a coisa mais importante. Na defesa da interdisciplinaridade, há uma coisa que me incomoda, que é a gente ficar na discussão entre ciências naturais e ciências sociais. Essa questão é fundamental, mas, a meu ver, há uma discussão anterior da qual não podemos escapar, que é entre as ciências metodológicas e as ciências substantivas – as substantivas, por sua vez, divididas entre naturais e sociais.

Curiosamente, durante vinte anos, dei um curso de metodologia científica para economistas. No curso, entrava um pouco na área dos filósofos e da epistemologia e, para mim, estava muito claro que, nas ciências metodológicas, você usa um método, que é o hipotético-dedutivo. Já nas ciências substantivas, você deve usar o método científico, ou seja, o método em que você observa a realidade, verifica regularidades ou tendências, formula uma hipótese, desenvolve teoricamente essa hipótese e a testa.

A economia neoclássica adota o método hipotético-dedutivo, que é próprio das ciências metodológicas e não das ciências substantivas. Uma coisa interessante é que, no momento em que você transforma a ciência substantiva em uma ciência baseada no método hipotético-dedutivo, ela passa a ser uma ciência axiomática, baseada, puramente, na lógica, e reduzindo tudo à matemática. Ao fazer isso, você cria um problema sério para todos os demais. Por quê? Porque você passa a ser dono de uma ciência que os demais cientistas sociais não têm condições de discutir, uma vez que eles não estudaram tanta matemática quanto estudaram os economistas.

Ao ler seu texto, Rouanet, e depois ao ouvi-lo, tive a impressão de que você estava fazendo uma distinção entre as ciências naturais e as ciências sociais baseando-se, essencialmente, em haver julgamento de valor ou não. Aí, me parece, você misturou a primeira e a segunda questões. Do meu ponto de vista, a diferença fundamental entre as ciências sociais e as ciências naturais reside no objeto. Nas ciências naturais, o objeto são átomos ou células que não têm liberdade e que, portanto, podem ser previstas de maneira razoavelmente precisa. Isso acontece na física, sem dúvida, e na biologia, ainda que um pouco menos. Nas ciências sociais, por outro lado, nós somos objeto e, como somos seres dotados de uma liberdade fundamental, torna-se muito difícil, para não dizer impossível, você fazer uma ciência exata. Na comparação com as ciências naturais, a “qualidade” das ciências sociais fica muito abaixo, no sentido de que erramos muito mais. Decorre daí, então, o segundo problema.

Ao falar da distinção das ciências, você disse que, nas ciências do espírito, o problema é a interpretação. E é verdade. Mas isso me faz muitas vezes pensar que as ciências sociais fazem parte, talvez, de uma disciplina mais ampla, que são as humanidades, que abarcam a literatura, onde o autor pode pôr toda uma teoria e uma visão do mundo na boca de um dos seus personagens, sem ser responsabilizado pela verdade do que está falando. E é essa também a diferença entre ciências sociais e ciências naturais que me faz pensar no problema da modéstia. As ciências sociais são muito modestas e têm baixo poder de previsibilidade. Além disso, trata-se de uma ciência profundamente influenciada por valores e pela ideologia. Essa influência é o que, a meu ver, explica o fato de os marxistas ou, mais especificamente, a Escola de Frankfurt afirmar que é fundamental a distinção entre uma ciência social livre de valores e uma ciência social que tem valores envolvidos. Defendo, no entanto, que é impossível você fazer uma ciência social sem valores. A teoria neoclássica nos mostra isso.

Lembro aqui que a teoria neoclássica, como disse antes, baseia-se no alvo econômico, puramente racional. A partir desse axioma,

que vira um dogma, que é a racionalidade do ser humano, eles deduzem um enorme sistema, que usa a matemática e está desprovido de valores. Nesse sistema, não há valores, mas uma análise objetiva e uma explicação da economia que, ressalte-se, não é exatamente do sistema econômico, porque eles têm grande dúvida sobre se a economia é ciência dos sistemas econômicos ou a ciência das escolhas econômicas ou tomadas de decisão.

Então, se a gente olhar para essa teoria, que é tão matemática, vai ver que ela é puramente ideológica. Com isso não estou dizendo que ela é só ideológica, mas o objetivo dos autores da teoria neoclássica é provar que o mercado é um mecanismo quase que sobrenatural que coordena de maneira perfeita toda economia. Isso é a ideologia do liberalismo econômico, do neoliberalismo, inclusive. A fundamentação científica do neoliberalismo é, portanto, essa teoria neoclássica aparentemente isenta de valores.

Mas, então, se é impossível escapar da interpretação, o que fazer? Não vejo alternativa senão você ter muita consciência dos seus condicionamentos ideológicos e, tendo isso em mente, explicitar, sempre que possível, essas duas coisas: quais são os seus valores e quais são as coisas que condicionam você. A partir disso, os alunos e os leitores podem ou não aceitar minha verdade.

E chego, por fim, à terceira questão apresentada na conferência, que é o problema do nacional. Você, Rouanet, mostrou um forte incômodo com a ideia de que a ciência possa ser nacional, e citou, a propósito disso, o Iseb. O Iseb foi, inclusive, uma coisa importante na minha própria vida. Eu tinha 20 anos quando descobri o Iseb e descobri o Brasil. Será que é possível fazer uma ciência – e agora falando apenas dessas ciências sociais – desligada da nação? Acho isso absolutamente impossível.

Veja, por exemplo, a ciência política moderna. Ela é fundamentalmente americana; apesar de existir no resto do mundo, essa é uma área na qual os americanos tornaram-se dominantes. Qual é o pressuposto dessa ciência política? Apesar de nunca explicitado com clareza, seu pressuposto fundamental é o de que a sociedade norte-americana

e a política norte-americana são o ideal. Na década de 1960, quando estudei lá, isso ainda era razoável; hoje, a democracia americana é uma desgraça, é quase tão ruim quanto a nossa. Mas como os Estados Unidos exercem o imperialismo hoje no mundo? No Iraque, ele ainda é exercido com o uso da força, mas, normalmente, na América Latina e nos países mais poderosos da Ásia, onde não dá mais para fazer guerra, eles tentam nos persuadir da sua verdade e agem de maneira muito forte para que pensemos de acordo com o que interessa a eles, e não a nós. Um exemplo, que não é óbvio, mas vou dar, é a insistência deles para que tenhamos déficits em conta corrente e os financemos com empresas multinacionais. Acho que eles estão profundamente errados, mas é isso que eles nos ensinam.

SÉRGIO PAULO ROUANET

E tem alguma coisa certa no Consenso de Washington?<sup>13</sup>

LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA

Claro que tem coisa certa no Consenso de Washington. Era preciso fazer várias reformas e algumas foram feitas. No Consenso de Washington falava-se, por exemplo, em responsabilidade fiscal, algo muito importante, havia muitas coisas erradas também. Mas não é essa a nossa discussão. As três coisas sobre as quais eu queria falar eram essas. O seu texto é uma maravilha e me estimulou a fazer esse debate com você.

<sup>13</sup> O Consenso de Washington foi o resultado de um encontro entre instituições financeiras e economistas ocorrido em 1989, na capital dos Estados Unidos. Alguns dos objetivos das medidas preconizadas pelo Consenso eram a abertura econômica e comercial, a aplicação da economia de mercado e o controle fiscal macroeconômico.

SÉRGIO PAULO ROUANET

Bresser-Pereira, nós estamos continuando um debate que tivemos uma vez em uma conferência na Universidade Cândido Mendes. O tema era Habermas, mais especificamente, o conceito de patriotismo constitucional. Você estava interessado em saber exatamente que diabo de conceito era esse. Eu tentei, de forma atrapalhada, explicar da maneira mais clara que pude, mas você não se deixou convencer. Agora estou entendendo o porquê. Você parte de uma visão apocalíptica, pessimista, a partir da economia. Qual é o apelido da economia? A ciência melancólica. Você deixou todos nós melancólicos. Mas, fora isso, você disse coisas irrespondíveis. Por isso preferi fazer uma piadinha.